

CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO ASSOCIATIVO
(ESTÁ EM CRISE, OU TERÁ SÓ QUE SER REPENSADO?)

Como Conselheiro das Comunidades Portuguesas e membro ativo no associativismo português na Alemanha, não vivo num vácuo social. As experiências vividas, as lutas que se travam no terreno e as expectativas criadas por essa mesma vivência leva a que grupos de pessoas com os mesmos interesses se unam de modo a poderem refletir e apresentar soluções perante o governo português ou alemão (tanto a nível federal como estadual), sobre temas de importância para a comunidade portuguesa a residir na Alemanha.

Por isso, abordo, para reflexão, a temática do Movimento Associativo na Alemanha. Tema que esteve em debate numa das Conferências organizadas pelo *GRI-DPA e.V.* com a participação de algumas dezenas de oradores especialistas sobre esta temática. Vertendo neste texto algumas das reflexões e conclusões do citado evento.

Será que o Movimento Associativo na Alemanha está em crise, ou terá(só) que ser repensado?

Depois de termos ouvido e discutido com muitos participantes da 2a. conferência do *GRI-DPA e.V.* em *Hagen*, onde participei como Conselheiro das Comunidades e como membro da organização, só me resta dizer que o Movimento Associativo está numa transformação que poderá ser essencial para o seu futuro.

Classifiquemos de “*Associativismo Clássico*”, aquilo que foi feito entre meados dos anos 60 do sec. XX e 2005, e de “*novas formas do Associativismo*”, o que vai sendo implementado através das redes sociais e que tem contornos completamente diferentes do Associativismo Clássico.

Nas décadas de 60 e 70 do século passado, quando o fluxo migratório para a Alemanha se foi intensificando, houve a necessidade de se formarem Associações Recreativas, Associações Culturais ou Movimentos Sociais, com o fim de promover a identidade cultural e a auto-ajuda.

Em muitos casos, as associações foram o prolongamento da aldeia, da coletividade, ou do espaço de conforto que os nossos compatriotas deixaram em Portugal. Na Associação retratava-se a sociedade portuguesa (da aldeia, ou dos

bairros periféricos das cidades) dessa época. Era sítio de encontro das famílias e dos amigos, as crianças brincavam, as mulheres conversavam entre si e os homens jogavam às cartas, ouviam o relato de futebol, ou discutiam sobre um ou outro jogo ou equipa.

O ponto alto de muitas coletividades era a organização de festas e bailes. A vida social das famílias girava à volta das festas que se organizavam. Foi também, através das Associações que se fizeram campanhas de sensibilização para a situação política que se vivia em Portugal. Muitos elementos das direções, motivados pela sua vivência e consciência política, criaram nas suas “Associações” cursos de alfabetização, abriram jardins-escolas, trabalharam em conjunto com as diversas organizações que prestavam assistência social (*Caritas*, *AWO*, etc.) à comunidade portuguesa.

Não podemos também, deixar de reconhecer o apoio prestado pelas Associações para o fortalecimento do movimento sindical, aqui na Alemanha. No fim da década de 80 ainda se ia à “*Associação*” para ver televisão (com a abertura dos canais de televisão ao grande público), o que paulatinamente se foi perdendo.

O declínio do associativismo clássico começou na década de 90 do século passado. Foi um começo subtil. Nessa altura ninguém previa que as Associações de referência na Alemanha viessem a fechar as suas portas 25 anos mais tarde. Motivos para isso não faltam: envelhecimento dos “*carolas*”; falta de pessoas motivadas para ocupar o lugar nos corpos gerentes; não querer “*passar o bastão*” às novas gerações; alterações político-sociais, que dão preferência ao individualismo e transformam, ou consideram o trabalho comunitário como algo de retrógrado e supérfluo; estar virado para o passado e não acompanhar o presente, para fazer frente aos desafios do futuro e até o facto de ser considerado um círculo fechado.

Mas serão de facto estes os problemas que têm causado o declínio do Movimento Associativo? Questionemos então: 1) Por que motivo é que os Ranchos Folclóricos continuam a ter aceitação por parte dos jovens (e dos menos

CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO ASSOCIATIVO
(ESTÁ EM CRISE, OU TERÁ SÓ QUE SER REPENSADO?)

juvenis)? 2) Por que é que algumas Associações continuam a “*remar contra a maré*” e, mesmo com muitas dificuldades, lá se vão aguentando? 3) Por que motivo é que aparecem novos grupos, nomeadamente, “ASPPA”, “BERLINDA” ou mesmo o “GRI-DPA”?

Os movimentos migratórios atuais enfrentam novos desafios. Os novos emigrantes vêm, na sua grande maioria, com uma boa formação ou como se costuma dizer, com um “*canudo debaixo do braço*”. No entanto, tal como no passado, também esta geração de emigrantes bem formados tem desafios pela frente: as novas tecnologias; a integração profissional num mercado de trabalho altamente competitivo e exigente; a integração social e cívica, numa sociedade aberta, sim, mas com problemas de longa data, que não foram resolvidos, nem por Portugal, nem pela Alemanha.

Talvez os desafios já não tenham a ver com a necessidade de as pessoas se identificarem como comunidade. Hoje, as redes sociais são de suma importância para a promoção profissional e pessoal. A aprendizagem da língua do país de acolhimento continua a ser importante, mas muitas vezes é suficiente optar pelo inglês, como língua de trabalho. A rede de amigos é multinacional. Com os voos *low-cost*, Portugal ficou mais perto e a saudade é, com uma curta viagem, mais depressa saciada. No entanto, com o passar do tempo, com a sedentarização e a criação do núcleo familiar, os interesses, exigências e aspirações das “*novas correntes migratórias*” começam a ser

praticamente idênticas às das gerações anteriores: Há um jardim-escola adequado? Há uma escola que ensine português? Há uma comunidade portuguesa por perto? Como posso viver uma multiculturalidade luso-alemã de forma intensiva?

Partindo do já pressuposto, que, em comparação com o passado, os novos Emigrantes usufruem de um nível de formação escolar, universitário e profissional bem mais elevado do que no passado, que suas interligações e contactos pessoais praticamente não conhecem fronteiras, poderemos perguntar: - Que contributo poderemos esperar então da sua passagem e estadia neste país, para uma modernização dos formatos associativos atuais e futuros, dos objetivos a definir, dos contactos e da cooperação a seguir, da estratégia e do modo de trabalho a implementar, da eficiência coletiva a atingir em prol da Comunidade e do reconhecimento a conseguir por parte da própria Diáspora Portuguesa na Alemanha? E que poderão aprender daí as ainda existentes Associações, para manterem a sua identidade própria e obter uma visível e eficiente melhoria do seu trabalho? Perguntas e desafios, a que só nós poderemos e deveremos responder!

Perante todos os considerandos, creio que o Governo português faria bem em acompanhar melhor o Associativismo, pois, as Associações são um pilar da permanência portuguesa na diáspora. O Associativismo e a Portugalidade devem andar de mãos dadas.



Alfredo Stoffel

Conselheiro das Comunidades Portuguesas
ccp@observamagazine.pt